

# ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

## OLHAR O MONTEJUNTO PELO “CAMPANIFORME”

**ANA CATARINA BASÍLIO** Universidade do Algarve, ICArEHB, catarinasbasilio@gmail.com

**ANDRÉ TEXUGO** Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Canhão Cársico da Ota, andrelopes@campus.ul.pt

**RESUMO** Estudar uma parte representativa de um sítio arqueológico é fragmentar a sua análise, dando destaque, neste caso à cerâmica Campaniforme. No caso específico do conjunto da Serra do Montejunto foi realizado um estudo numa perspectiva contemporânea, sendo que a revisitação urgia como necessária a um espaço que é fracturante e estruturante na paisagem que o envolve – estando contidos espaços de morte e “vida” ao longo de toda a Pré-História, tendo como ponto de partida a necrópole do Neolítico Médio do Algar do Bom Santo.

Contrariando o período histórico-culturalista – onde a cerâmica do tipo Campaniforme serviu de base para tabelas evolutivas e tipológicas – a análise feita tem como grande linha orientadora a utilização e reunião de padrões descritivos que possibilitem a comparação transversal com realidades peninsulares e internacionais, tentando quebrar o *Gap* que ainda se faz sentir. Como tal, tentando quebrar o estudo meramente tipológico e decorativo, foi feita uma tentativa de sistematização e compilação criteriosa dos campos descritivos que melhor se aplicavam para o contexto específico em estudo – realidade da qual saíram resultados que apontam para uma dicotomia entre o Noroeste e o Sudeste, tendo o Montejunto como fronteira cultural e possivelmente social para fases de adaptação aos pressupostos teóricos do Campaniforme. Estas conclusões só foram possíveis de atingir pela leitura interdisciplinar, com uma relação especial com a antropologia social e do espaço, realidade que tem de se tornar mais comum facilitando a compreensão do Homem em estudo.

**PALAVRAS CHAVE** Campaniforme, Estremadura Portuguesa, Serra do Montejunto, influências, antropologia

**ABSTRACT** To study a representative part of an archaeological site is disintegrating its analysis, highlighting in this case, the Bell Beaker pottery. In the specific case of Serra do Montejunto the study was conducted in a contemporary perspective, emerging as necessary the returning to a space that divides and structures the landscape that surrounds it, gathering spaces of death and “life” throughout all prehistory, taking as its starting point the necropolis from the middle Neolithic Algar do Bom Santo.

Contrary to the historical-culturalist period – where the Bell Beaker ceramic type formed the basis for evolutionary and typological tables – our analysis had, as central guideline, the use and assemblage of descriptive standards that enable cross-comparison to peninsular and international realities, trying to break the gap which is still felt. As such, while trying to break the merely decorative and typological study, it was attempted the systematization and careful compilation of descriptive fields that best applied to the specific context in the study area – a reality from which results point to an opposition between the Northwest and the Southeast, with the Montejunto as the cultural, and possibly social, border, and to stages of adaptation to the theoretical assumptions of the Bell Beaker phase. These findings were only possible to achieve by an interdisciplinary reading, especially with social Anthropology and Anthropology of space, a relationship that needs to become more common, helping to simplify the understanding of the Man in study.

**KEYWORDS** Bell Beaker, Portuguese Estremadura, Serra do Montejunto, influences, anthropology

### INTRODUÇÃO

As análises metodológicas sobre os materiais Campaniformes provenientes da Serra do Montejunto, em especial do Castro de Pragança e as Grutas do Fura-douro, permitem proceder a enquadramentos a nível paisagístico, antropológico, social e cultural das comunidades do 3.º milénio a.n.e. que frequentaram aquela região (figura 1).

O Campaniforme, por si só, representa um período curioso, complexo e fracturante, tendo a cerâmica e os seus pressupostos, actuando como agentes de mudança ideológico-simbólica nas comunidades. A questão chave



1. Vista Sul do Montejunto, tirada a partir da vertente esquerda do Rio de Ota.

deste trabalho prende-se com a tipologia e especificidades da “ocupação Campaniforme” na Serra do Montejunto e como esta nos permite compreender o Montejunto enquanto local marcador de uma divisão espacial e cultural. A falta de referências contextuais não nos permite aceder a informações importantes, determinantes para entender funcionalidades, simbolismos e especificidades do período em estudo, sendo necessário proceder a trabalhos recentes a nível arqueológico, bem como de revisão das colecções antigas.

## LOCALIZAÇÃO

A Serra do Montejunto localiza-se entre o concelho de Alenquer e o Cadaval, pertencendo à região Centro de Portugal. Apresenta uma extensão de 15 km por 7 km de largura, atingindo, no ponto mais elevado, 666 metros. A Serra do Montejunto constitui um compartimento elevado de orientação NE-SW, correspondendo a um acidente geológico que cria um impacto físico e visual na paisagem em seu redor, polarizando toda a paisagem que a envolve. Devido ao seu alinhamento – quase coincidente com a linha de costa, que se encontra a cerca de 20 km de distância – o Montejunto constitui e integra, no eixo Montejunto-Estrela, uma importante fronteira climática (anticlinal) que separa, meteorologicamente, o Norte e o Sul do país, tornando as condições de habitabilidade muito diferenciadas.

O território apresenta-nos, do ponto de vista geológico, calcários do Oxfordiano, aos quais podemos associar ocorrências de formações siliciosas com fraca aptidão para talhe (Aubry *et al.*, 2014). Sobre a base predominantemente calcária surge uma vegetação resultante da acção humana, sendo de mencionar, no Vale do Furadouro, um pequeno bosque composto por castanheiros, cedros e carvalhos, constituindo a melhor aproximação ao que seria o primitivo coberto vegetal da região nos períodos em estudo neste trabalho. Presume-se, com todos os cuidados devidos, que seria habitado por espécies típicas deste coberto vegetal – como raposa, texugo, manguço e gato bravo (Pimenta, 2014, p. 72). Espécies de maior

porte podem ter tido esta paisagem como último reduto de uma área que com intensa acção humana – como o veado, o auroque e, possivelmente, o cavalo.

A Serra do Montejunto é um local central para a Estremadura, se tivermos em conta a existência de vias de comunicação natural – os rios – “alimentando” diversos locais, (figura 2) como o Castro de Ota, alimentado pelo Rio de Ota, com nascente no Vale do Furadouro, a 8 km, Ribeira do Judeu associável a Vila Nova de São Pedro, a aproximadamente 11 km, e ainda o Rio Real, que vai estar afecto a dois sítios arqueológicos a Norte do Montejunto, o Outeiro da Assenta, a 21 km, e o Outeiro de São Mamede, a 18 km. Estes rios vão ter uma função vital na estruturação territorial, sendo ainda elementos actuantes na cultura e na tradição, para além da sua função enquanto meios de aprovisionamento de recursos.

## OS CASOS DE ESTUDO: PRAGANÇA E AS GRUTAS

O Montejunto alberga inúmeras grutas e sítios com presença Humana, sendo que muitos poderão ainda se encontrar por identificar e outros por estudar. De todos, um dos mais investigados é o Castro de Pragança. Este localiza-se na vertente Noroeste da Serra do Montejunto – 39.198012/-9.059172 – atingindo 334 metros de altura, numa zona repleta de escarpas calcárias e cavidades. A sua última intervenção, em 1988, veio clarificar o seu perímetro amuralhado, sendo este dotado de uma muralha semicircular de face única – com 15 metros de comprimento e 10 de largura – com um preenchimento em modo de contraforte (Gonçalves, 1990-1992a, p. 36). A entrada vai aproveitar o declive natural, situada a Norte, correspondendo às típicas entradas dos povoados fortificados (Gonçalves *et al.*, 2013, p. 59). A implantação de Pragança vai ser entendida como o reflexo do aproveitamento do substrato geológico (Gonçalves *et al.*, 2013, p. 61; Gonçalves, 1990-1992a, p. 38), bem como pelo domínio visual e paisagístico. Ainda assim é importante referir que este posicionamento representa, para nós, um “problema”,



2. Cartas Militares 1: 25 000, n.º 350, 351, 362 e 363, com a indicação dos principais cursos de água que saem da Serra. 1) Furadouro e 2) Pragança.

em especial se tivermos em conta a grande exposição aos ventos de Norte, que tornaria o sítio difícil de habitar – uma das justificações para a falta de estruturas que apontem para uma ocupação permanente do espaço, podendo as “habitações” encontrarem-se onde hoje se desenvolve a povoação actual. A nível cronológico, a ocupação de Pragança remonta ao Neolítico, mas a implantação da muralha remonta ao Calcolítico inicial, fundamentada por datações entre 2866 e 2470 cal BC (Gonçalves, 1990-1992a, p. 37), período em que se concentram as construções genéricas das estruturas deste tipo (Gonçalves *et al.*, 2013, p. 63-64). Certo é que as dinâmicas complexas de Pragança se apresentam como inacessíveis no estado actual das pesquisas, pela sua precoce escavação, impossibilitando aceder a informações sobre ritmos construtivos e tipologias/funcionalidades de utilização.

Falar da ocupação das grutas naturais é falar de contextos muito revolidos, não só pelas antigas intervenções, mas também pela especificidade contextual que advém de ritmos de reutilização, bioturbações e elementos climatéricos e faunísticos. Assim sendo, as grutas do Furadouro, um total de sete cavidades, apresentam uma escavação que remonta a 1880 e 1893, esta última pelo Museu Nacional de Arqueologia, tendo sido *a posteriori* escavadas integralmente (Gonçalves, 1990-1992b, p. 77). Estão localizadas no Vale do Furadouro, na vertente Sudeste do Montejunto, local onde nasce o rio de Ota, desenvolvendo-se paralelamente, localizadas na parede Oeste/margem direita da nascente, não sendo observáveis entre si. A principal gruta analisada foi a III, já que a IV não apresentou materiais Campaniformes. Pela observação genérica do espólio, a sua ocupação terá tido início no Neolítico inicial (Gruta IV) e meados do Calcolítico pleno (Gruta III), seguindo-se até à Idade do Bronze em ambas.

No Curral das Cabras Gafas – onde só foi possível estudar um recipiente enquadrável no estilo Internacional – foi identificada uma ocupação única do Calcolítico Pleno/Final, sendo a sua localização desconhecida. É interessante mencionar que, até ao momento, pelo menos 43 grutas/cavidades/algaes apresentam vestígios de ocupação humana, o que vai atribuir ao Montejunto uma densidade muito elevada de ocupação do espaço, principalmente em períodos Pré-históricos. Podemos ainda vir a encontrar novas realidades e contextos mais intactos – exemplo do Algar do Bom Santo – que nos permitam entender melhor a verdadeira utilização e significado daquela elevação.

## MÉTODOS E ANÁLISES

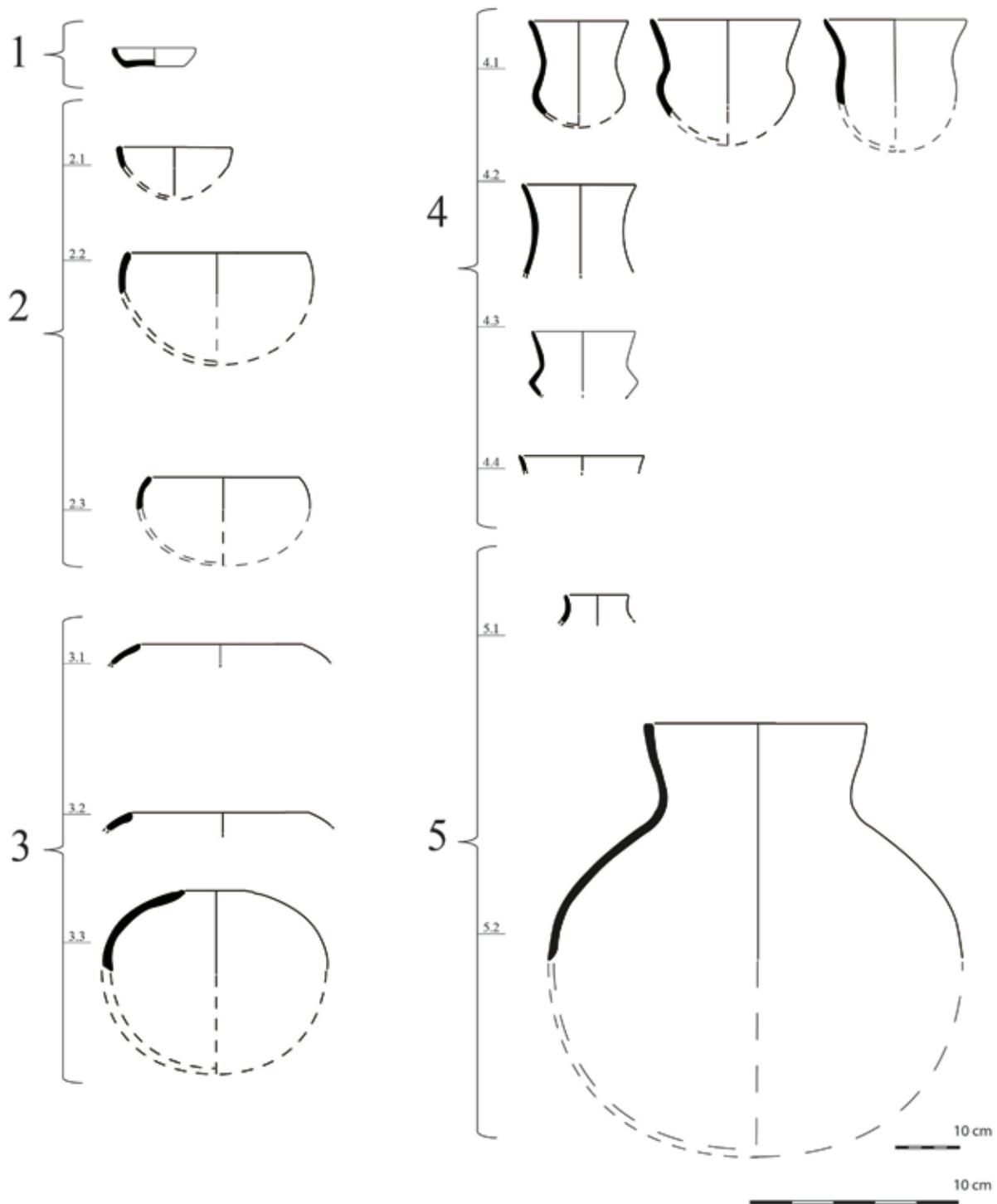
Estudar o conjunto cerâmico de um sítio arqueológico é, proceder a uma comparação e integração numa unidade cultural, local e/ou regional. Sendo a cerâmica o tipo artefactual mais estudado, seria de esperar uma fácil comparação e criação de paralelos, contudo esta realidade não se vai verificar já que muitos conjuntos cerâmicos resultam de intervenções antigas (Sousa, 2010, p. 234), com critérios de selecção artefactualista e com escassos estudos monográficos, em estreita

relação com contextos arqueológicos – destacam-se os trabalhos de Ana Catarina Sousa sobre o Penedo do Lexim (Sousa, 2010), de Michael Kunst com as cerâmicas campaniformes do Zambujal (Kunst, 1987), de João Luís Cardoso em Leceia (Cardoso, 2004), bem como Outeiro de São Mamede (Cardoso e Carreira, 2003) e Outeiro da Assenta (Cardoso e Martins, 2009).

O universo em estudo corresponde a um conjunto de 64 fragmentos cerâmicos, sendo seis exemplares das Grutas do Furadouro e um da Gruta do Curral das Cabras Gafas, tendo sido identificada decoração em todos, com uma grande, e atípica, diversidade decorativa. Os fragmentos foram estudados de forma tradicional (morfologia, pastas, decoração, dimensões) com representação gráfica, seguindo os parâmetros uniformizados para a Pré-História das Sociedades Camponesas – neste caso, tendo em conta a especificidade decorativa das peças, optou-se por apresentar fotografias, uma solução que torna possível, a quem lê este trabalho, uma leitura crítica e não pré-concebida pelos autores. Criamos uma ficha descritiva que procurou um enfoque específico para a realidade das cerâmicas com decoração a pente, para tal, os seus parâmetros descritivos resultam de uma leitura exaustiva das melhores maneiras, aos nossos olhos, de proceder a uma descrição útil e funcional das características destes recipientes – foram usados critérios utilizados nas teses de Victor Gonçalves (1989, p. 147-151), Ana Catarina Sousa (2010), António Valera (2007) e Joaquina Soares (2013), sendo também incluídas pequenas informações de Marc Vander Linden (2007) e Laure Salanova (2014). Esta sistematização foi necessária, uma vez que não há um padrão descritivo comum aos investigadores que se debruçam sobre a questão Campaniforme. É certo que ao longo da análise foram removidos critérios que não mostravam utilidade ou funcionalidade – o caso do peso não foi incluído, já que a informação resultante seria pouco expressiva – e adicionados novos, que nos pareceram essenciais a uma possível evolução na análise da decoração campaniforme – como a questão das métopas e do tipo de matriz/pente (figura 3).

A nível da classificação formal dos recipientes foi criada uma tabela de raiz, sendo que as nomenclaturas, na sua grande maioria, seguiram os padrões já estabelecidos (Sousa, 2010, p. 240). Algumas das formas, menos presentes no registo arqueológico nacional, revelaram ser de difícil nomeação, em muito devido à atribuição de nome com uma função associada, por exemplo “*Large storage vessels*” (Garrido-Pena *et al.*, 2011, p. 115), onde se associa à função de armazenamento, ou como no caso do nome atribuído por Harrison, “*bomb-shaped pot*” (Harrison, 1977, p. 145) que nos parece pouco correcta e ilustrativa da forma que representa (figura 4). Estas formas foram ainda detectadas em contextos no Norte da Itália e França mediterrânica, nos trabalhos de Olivier Lemerrier (2012, p. 133), todavia a sua denominação não passa para além, no nosso entender, de uma necessidade que o Homem actual tem de compartimentar e atribuir um rótulo para todas as realidades (Lemerrier, 2012, p. 131). Será mais

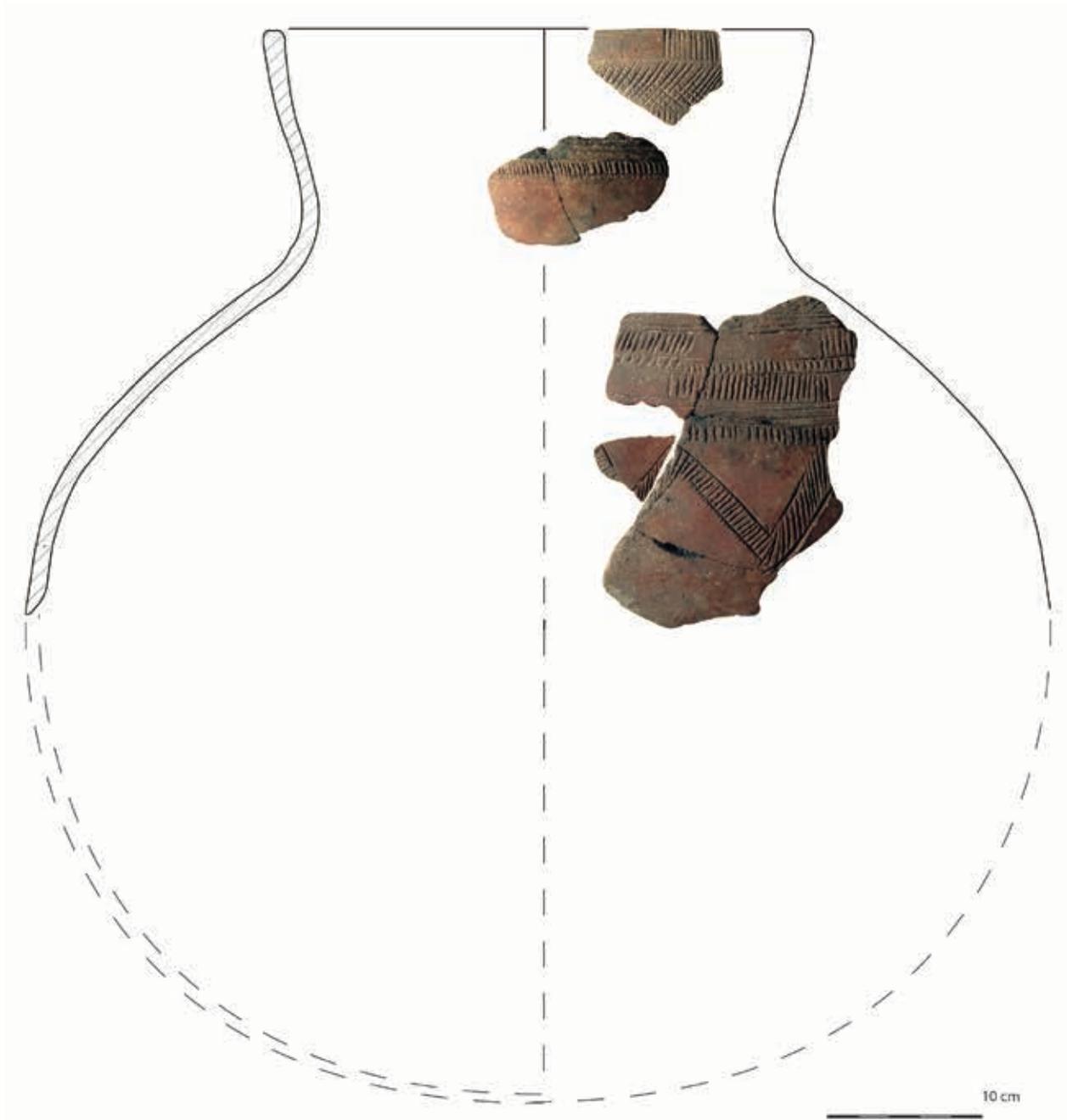
### Tabela de Formas



3. Tabela de formas construída para os materiais de Pragança e das Grutas do Furadouro.

importante, nos tempos que correm, pensar-se sobre os significados deste tipo de materiais (Sousa, 2010, p. 288), que podem corresponder a linguagens ou representatividades cosmológicas e cosmográficas que necessitam de maior atenção (Valera, 2008, p. 126). Já no campo da caracterização da gramática decorativa, voltamos a ter o entrave referenciado, a falta de um padrão comum a nível peninsular, ainda que no contexto eu-

ropeu se venha a esbater, produzindo uma certa harmonização (Kohring, 2011, p. 146). Esta realidade vai gerar uma quantidade elevada de interpretações e descrições que dependem do investigador e dos conhecimentos de que dispõe. Foi, para este trabalho, criada uma tabela que se regeu por algumas tabelas previamente criadas (Barnabeu *et al.*, 2011), tentando tornar a descrição o mais aberta possível, sem incluir uma exposição livre dos motivos.



4. Vaso tipo "Large storage vessel" proveniente da Gruta III do Furadouro.

## RESULTADOS DOS DADOS

Como referenciado anteriormente o conjunto de recipientes cerâmicos em estudo neste trabalho corresponde a um total de 64 fragmentos. Os mais bem conservados são provenientes das Grutas, sendo esta realidade algo expectável à partida tendo em conta que os contextos funerários, ou simbólico-rituais, têm um grau de fragmentação muito menor, permitindo-nos aceder a vasos de perfil completo, quando comparado com os povoados ou zonas de habitat (Sousa, 2010, p. 237). Não nos foi possível identificar grupos técnicos, que nos ajudariam a vislumbrar afinidades a nível de proveniências, já que o conjunto apresenta uma grande diversidade de fabricos.

Tentando proceder a uma quantificação do número de recipientes presentes em Pragança e nas Grutas, aplicou-se o número mínimo de indivíduos. Esta quantificação teve como base as tipologias dos fragmentos, os vários tipos decorativos, passando-se a uma análise detalhada das matrizes dos pentes e das especificidades das pastas. Assim sendo regista-se, no contexto das grutas, um recipiente no Curral das Cabras Gafas, e seis na Gruta III do Furadouro. Já em Pragança o número total de recipientes rondaria os 48, a que se somariam os sete das Grutas – aproximadamente 55 exemplares. Esta tentativa de sistematização é ainda um ensaio, não deixando de realçar a imponência do conjunto de Pragança e das Grutas que, confirmando-se este número, mostra a importância destes sítios arqueológicos.

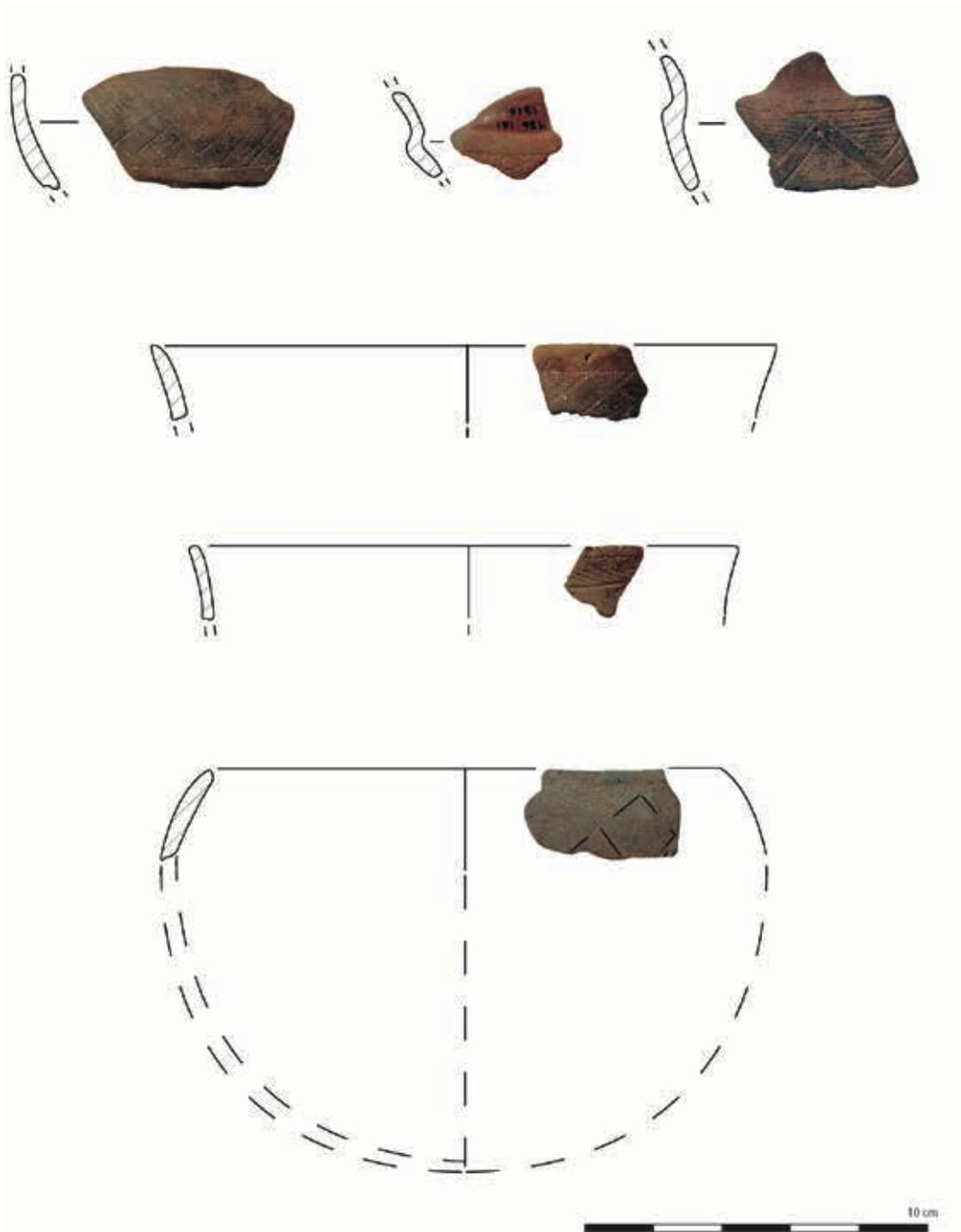


5. Recipientes de tipo 4,2 – Acampanados de grandes dimensões. 1) “Classic Beakers” (Kohring, 2011, p. 2) Castro de Santiago (Valera, 2007) e 3) Curral das Cabras, Gafas.

### AS FORMAS

A nível formal, procedeu-se à elaboração de um catálogo de formas adaptado às variantes das áreas em estudo – uma tabela, a partir de 29 bordos, com um total de cinco formas tipológicas individualizadas – pratos, taças, potes, acampanados e “*Large Storage Vessels*”. É de destacar uma das formas, correspondente a um acampanado que, pelas suas grandes dimensões, só apresenta quatro paralelos na Península Ibérica – Penha Verde (Harrison, 1977, p. 130), Veiga dos Mouros (Harrison, 1977, p. 156) e Almizaraque (Harrison, 1977, p. 198),

sendo o mais semelhante proveniente do Castro de Santiago (Valera, 2007), dotado de decoração ungulada. Este recipiente apresenta características semelhantes aos Campaniformes “clássicos” Ingleses (figura 5), com decorações enquadáveis no Campaniforme, em formas de cerâmica cordada (Kohring, 2011, p. 149-150). Foi ainda identificado um recipiente globular de bordo reentrante, típico do Calcolítico estremenho com uma decoração associada aos motivos e técnicas Campaniformes (Gonçalves, 1991, p. 216). Este fenómeno pode ser justificado se considerarmos os dados estratigráfico-cronológicos de Leceia, Zambujal, Penha Verde e Moita



6. Fragmentos Campaniformes com motivo Pontilhado Geométrico, provenientes de Pragança.

da Ladra (Cardoso, 2014, p. 314) que apontam para uma sincronia das produções Campaniformes com as realidades imediatamente anteriores (Amaro, 2010-2011, p. 225-228; Cardoso e Martins, 2009, p. 274), havendo assim um aproveitamento dos novos motivos decorativos em formas “antigas” (Amaro, 2013, p. 207), assistindo-se a um “...processo de regionalização com a aplicação de técnica Campaniforme a formas cerâmicas locais” (Soares e Silva, 1974-1977, p. 106).

Estamos perante um conjunto que, a nível das suas formas, se mostra muito complexo, permitindo desenhar uma dinâmica rede de relações europeias.

### AS DECORAÇÕES

A unidade decorativa do período inicial de difusão da cerâmica Campaniforme, só tem paralelos quando recuamos ao Neolítico antigo, seguindo-se uma fase em que se vê um pendor para o surgimento de identidades locais/regionais (Sousa, 2010, p. 241). Dos materiais em estudo foi possível construir um total de 6 grupos decorativos – um termo muito histórico-culturalista de estruturação dos dados e do pensamento (Sousa, 2010, p. 244). Como se verificou para a tabela de formas, a construção destes grupos tentou ser o mais aberta possível,

permitindo a inserção de novos elementos, não limitando a possibilidade de adaptação a outros contextos. Os nomes das decorações foram adaptados de outros trabalhos, mostrando, novamente, a sistematização e difusão dos termos Campaniformes (Salanova, 2014, p. 73-75), tendo sido ainda adaptadas algumas referências aos contextos específicos de Pragança e das suas influências Nortenhãs (Valera, 2007, p. 238-239).

Os motivos campaniformes são majoritários no conjunto (figura 6), sendo possível identificar vestígios de pasta branca, associada aos fragmentos de cerâmica Campaniforme (Harrison, 1977, p. 44-45). Ainda assim individualizaram-se dois motivos que nos permitiram tecer considerações sobre contactos e influências. O primeiro caso é referente a triângulos pendentes pontilhados, cuja afinidade cultural remonta ao Norte de Portugal (Valera, 2007, p. 239), podendo acentuar a proximidade formal dos recipientes, já sublinhada. O segundo caso, por sua vez, possibilitou a identificação de uma tradição decorativa dos contextos a Nordeste do Montejunto, identificada por João Luís Cardoso e Filipe Martins como “Grupo da Assenta” (Cardoso e Martins, 2009, p. 277-278), tendo sido renomeado por nós como “Espinhado”, fomentando uma leitura menos relacionada com sítios arqueológicos, e mais com os motivos em si. Assim sendo, este grupo, com presença significativa em sítios como Outeiro de São Mamede (Cardoso e Carreira, 2003, p. 137) e Outeiro da Assenta (Cardoso e Martins, 2009, p. 316-317), apresenta uma unidade tecnológica e decorativa grande, podendo facilitar a compreensão de resistências e experimentações das populações locais aquando do surgimento das primeiras influências e contactos com as realidades culturais dotadas dos métodos e mentalidades Campaniforme. Estas adaptações graduais mostram que não estaríamos perante uma dinâmica de imposição cultural – não seriam invasores ou guerreiros – mas sim de relações mútuas, onde se vê a transferência e absorção das formas, motivos decorativos e dos significados característicos da cerâmica Campaniforme.

O estudo da matriz decorativa – tradicionalmente designadas por pente – encontra-se pouco desenvolvido no nosso território, em muito relacionado com a questão da preservação destes materiais, tendencialmente em osso, marfim (Cardoso, 2003, p. 86) ou até madeira. No caso dos pentes utilizados para Pragança e para as Grutas, a análise permitiu identificar um número médio de impressões/“dentes” entre cinco (associados ao preenchimento das bandas) e os 18 (na formação dos motivos lineares). Este exercício tem bases frágeis, resultando da observação de pequenos padrões nos fragmentos, podendo, no futuro, sofrer alterações. Quanto à matriz/forma dos “dentes”, foi possível desenhar um conjunto de quatro tipos: circular, quadrangular, rectangular e dupla. A existência de fragmentos com matriz dupla mostra que, no caso em estudo, há uma especialização das matrizes utilizadas ao tipo de desenho a desenvolver, mostrando a grande componente de intencionalidade humana que existe na produção dos motivos decorativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proceder a um estudo sobre cerâmicas Campaniformes, implica entender que este tipo de materiais foi, e é, marcado pela corrente de pensamento histórico-culturalista, estruturando, em muitas situações, o nosso pensamento sobre a cerâmica. Actualmente surge uma visão mais relacionada com a consciência do Homem, com a sua vontade e mobilidade, a maneira como se estrutura e entende no espaço, sendo aceite uma relação mútua de influências, através da qual se tenta ensaiar a possibilidade de significados e expressões da forma cerâmica, em contacto com a decoração (Valera, 2015).

A realidade de Pragança mostra uma fase de “adaptação” das formas locais (Amaro, 2010-2011, p. 225-228), a motivos que podem expressar alguns atributos Campaniformes, em especial a maneira como aplicam o pente e, por inerência, a possível mudança de significado dos motivos decorativos – uma fase em que se vê a aceitação dos paradigmas do Campaniforme de forma “pacífica”. As dinâmicas Campaniformes vão, acima de tudo, alterar os cânones previamente existentes, a maneira como o Homem vê e se envolve no e com o espaço, associando-se uma mudança a nível de povoamento e de práticas mágico-religiosas relacionadas com a morte (Linden, 2014, p. 53-54). Mostra ainda que as redes de contacto europeias estão definidas e expressas no conjunto, onde duas das formas detectadas aparentam uma afinidade com as regiões do Sul de França (Salanova, 2014, p. 70) e com as Ilhas Britânicas (Kohring, 2011, p. 149).

No nosso entender, uma das principais funcionalidades deste trabalho prende-se com a criação de um conjunto de metodologias que nos permitiu fazer a simbiose entre a componente descritiva e a componente antropológica e que, após a análise da cultura material e das suas particularidades, nos possibilitou entender a Serra do Montejunto como um polo dominante e estruturante da paisagem – quer seja como marcador da paisagem, definindo uma barreira climatérica, bem como uma barreira cultural muito vincada que se vai reflectir no tipo de influências e significados a que as comunidades têm acesso. Esta afirmação requer estudos mais completos que não se foquem somente na cultura material, sendo necessário averiguar se há uma diferença entre Noroeste e Sudeste, através de leituras que incluam os monumentos funerários em contraponto com as zonas de habitat. Infelizmente esta realidade, como referido anteriormente, encontra-se minimamente resolvida a Sul, sendo necessário proceder a leituras, tendo em vista um enquadramento a nível de paisagem, social e ideológico, em especial para os sítios mais a Norte da Serra.

Muitas das problemáticas aqui levantadas permanecem sem respostas concretas, ou minimamente sólidas, todavia o potencial da Serra do Montejunto é grande e aguarda trabalhos mais aprofundados.

## BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T.; LLACH, J.; MATIAS, H. (2014) – Matérias-primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal. In DINIS, P.; GOMES, A.; MONTEIRO-RODRIGUES, S., coords., *Proveniências de Materiais Geológicos: abordagens sobre o Quaternário de Portugal*. Braga: Associação Portuguesa para o estudo do Quaternário, p. 165-192.
- AMARO, G. (2010-2011) – Continuidade e Evolução nas cerâmicas Calcolíticas da Estremadura: um estudo arqueométrico das cerâmicas do Zambujal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 201-233.
- AMARO, G. (2013) – Pre-Bell Beaker Ware from Estremadura, Portugal, and its likely influence on the appearance of maritime Bell Beaker ware. In PRIETO MARTÍNEZ, M.; SALANOVA, L., coords., *Current researches on Bell Beakers: Proceedings of the 15th international Bell Beaker Conference From Atlantic to Ural*. Santiago de Compostela: Copynino, p. 197-208.
- BARNABEU AUBÁN, J.; GARCÍA BORJA, P.; GÓMEZ PÉREZ, O.; MOLINA BALAGUER, L. (2011) – El Componente decorativo en las producciones cerámicas. *Sanguntum*, 12, p. 17-34.
- CARDOSO, J. (2004) – An interpretation of the Bell Beaker cultural sequence in the Tagus Estuary region: data from Leceia (Oeiras). *Journal of Iberian Archaeology*, 6, p. 147-156.
- CARDOSO, J. (2014) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon north of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*, 71: 1, p. 57-76.
- CARDOSO, J.; CARREIRA, J. (2003) – O Povoado Calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do Espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903-1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11, p. 97-228.
- CARDOSO, J.; MARTINS, F. (2009) – O Povoado Pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, p. 261-356.
- GARRIDO-PENA, R.; ROJO-GUERRA, M.; GARCÍA-MARTINEZ DE LAGRÁN, I.; TEJEDOR-RODRÍGUEZ, C. (2011) – Drinking and eating together: the social and symbolic context of commensality rituals in the bell beakers of the interior of Iberia (2500-200 Cal BC). In ARANDA, G.; MONTÓN-SUBÍAS, S.; SÁNCHEZ, M., eds., *Guess who's coming to dinner: feasting rituals in the prehistoric societies of Europe and the Near East*. Oxford: Oxbow Books, p. 109-129.
- GONÇALVES, J. (1990-1992a) – Olelas e Pragança. Duas fortificações calcolíticas da Estremadura. *O Arqueólogo Português*, 4.ª série, 8-10, p. 31-40.
- GONÇALVES, J. (1990-1992b) – As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*, 4.ª série, 8-10, p. 41-201.
- GONÇALVES, J. (1991) – Cerâmica calcolítica da Estremadura. In *Actas das IV Jornada Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação Portuguesa de Arqueólogos, p. 215-226.
- GONÇALVES, V. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- GONÇALVES, V.; SOUSA, A.; COSTEIRA, C. (2013) – Walls, Gates and Towers. Fortified settlements in the South and Centre of Portugal: Some notes about violence and walls in the 3<sup>rd</sup> millennium BCE. *CPAG*, 23, p. 35-97.
- HARRISON, R. (1977) – *The bell beaker cultures of Spain and Portugal*. Cambridge: Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University.
- KOHRING, S. (2011) – Social Complexity as a multi-scalar concept: Pottery Technologies, 'Communities of practice' and the Bell Beaker Phenomenon. *Norwegian Archaeological Review*, 44: 2, p. 145-163.
- KUNST, M. (1987) – Bell Beakers sherds in Zambujal. In WALDREN, W.; KENNARD, R., eds., *Bell beakers of the Western Mediterranean: definition, interpretation, theory and new site data*. Oxford: BAR, p. 591-601 (BAR International Series, 331).
- LEMERCIER, O. (2012) – The Beaker transition in Mediterranean France. In FOKKENS, H.; NICOLIS, F., eds., *Background to Beakers: Inquiries into regional cultural backgrounds of the Bell Beaker complex*. Leiden: Sidestone Press, p. 117-155.
- LINDEN, M. (2007) – What linked the Bell Beakers in the third millennium BC Europe? *Antiquity*, 81, p. 343-352.
- LINDEN, M. (2014) – Polythetic networks, coherent peoples: A new historical hypothesis for the Bell Beaker Phenomenon. In CZEBRESZUK, J., ed (2014) – *Similar but different: Bell Beaker in Europe*. Leiden: Sidestone Press, p. 173-192.
- PIMENTA, C. (2014) – Microvertebrates. In CARVALHO, A., ed., *Bom Santo cave (Lisbon) and the middle Neolithic societies of southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve, p. 61-75. (Promotória Monográfica, 17).
- SALANOVA, L. (2014) – The frontiers inside the western Bell Beaker Block. In CZEBRESZUK, J., ed., (2014) – *Similar but different: Bell Beakers in Europe*. Leiden: Sidestone Press, p. 63-75.
- SOARES, J. (2013) – *Transformações sociais durante o 3.º milénio AC no sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. EDIA / DRCALEN (Memórias d'Odiana, 2.ª série, 5).
- SOARES, J., TAVARES DA SILVA, C. (1974-1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 7-9, p. 101-112.
- SOUSA, A. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento).
- VALERA, A. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3.º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Braga: Município de Fornos de Algodres/Terras de Algodres associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres.
- VALERA, A. (2008) – Mapeando o Cosmos: uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-história recente. *Era Arqueológica*, 8, p. 112-127.
- VALERA, A. (2015) – Ciempozuelos Beaker geometric patterns: a glimpse into their meaning. Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisboa: ERA/Colibri. 10, p. 47-51.